

f. 13.



B 11.



6000951210

TAYLOR INSTITUTION.

—  
*BEQUEATHED*

TO THE UNIVERSITY

BY

ROBERT FINCH, M. A.

*OF BALLIOL COLLEGE.*

13006 f. 13











**S E R M ã O**  
**CONTRA O FILOSOFISMO**  
**DO**  
**SECULO XIX.º,**

**P R E G A D O**

**N A**

**IGREJA DE S. JULIÃO DE LISBOA**

**NA QUINTA DOMINGA DE GUARESMA**  
**DO ANNO DE M. DCCC. XI.**

**P O R**

**JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO,**

*Prégador do Principe Regente Nosso Senhor.*



**L I S B O A,**  
**NA IMPRESSÃO REGIA.**

**1811.**

*Com licença.*

---

*Vende-se na loja de Desiderio Marques  
Leão, as Calhariz N. 12.*





## ADVERTENCIA.

**N**ão he muito proprio de hum Sermão hum Prologo, mas os ataques reiterados dos meus gratuitos inimigos me tem obrigado a prevenir o Público em qualquer composição minha, ainda que seja de puro divertimento, e he muito mais indispensavel huma preliminar advertencia em composição tão séria como he este Sermão, no qual faço triunfar a Religião dos ataques do moderno Filosofismo. E para compôr este Discurso, seria licito ler alguma coiza! Parece que sim, e que sem hum profundo conhecimento dos escritos dos Apologistas da Religião Christã não poderia nem levantar a planta do presente edificio. *Car-*

tos estouvados se atrevêrão a lan-  
çar-me em rosto , que roubava An-  
tonio Vieira para compôr meus  
Sermões. Ora pois abatamos este  
importuno Fantasma de Vieira , e  
rebatamos esta livre calumnia , e  
dita por quem nem leu Vieira , e  
só ouviu dizer que Raynal fallára  
de hum Sermão deste Jesuita pe-  
lo bom successo de nossas armas  
contra as de Hollanda. Saibão pois  
que eu , que componho hum Ser-  
mão como o presente , não neces-  
sito de Vieira , que não tem hum  
só discurso , onde se ache huma  
instrucção christã , e que o des-  
prezei com todo o meu coração  
depois que li o principio de hum  
Sermão de Mandato prégado na  
Capella Real no anno de 1655 , e  
neste principio estas escandalosas  
palavras = Tomo 4. pag. 358. §  
379. col. 2. regra 4. : *Este cavallo  
branco be a sagrada Humanidade de*

**Christo:** = Nunca mais o detestavel Vieira.

Ora como até nos doirados domicilios da crapula , e ociosidade , onde a libertinagem ousa levantar a voz contra a Religião , torpissimos ignorantes fallão de Sermões , e dos meus Sermões , saibão estes Gazetaes eruditos, que para compôr este gravissimo Discurso eu li, e estudei.

1. S. Gregorio Nazianzeno, *Orat. cont. Jul.*
2. S. Fulgencio , *De Fide ad Pet.*
3. S. Cyrillo , *Cath. cont. Juli.*
4. O Cardeal Gerdil , *Impug. do Emilio.*

O mesmo; *Introducção ao estudo da Religião.*

5. Mazoti , *Discursos contra a Incred. T. 2.*
6. Vascelchi , *Provas do Christ.*
7. Roberti sobre a leitura do Liv. de *Metaphysica.*

**O mesmo, *Impugnação do Livro La Predication.***

**Não posso ser mais ingenuo: estas são as fontes: o Discurso he meu, as provas dos santissimos, e doctissimos Mestres do Christianismo.**

---

**S E R M ã O**  
**CONTRA O FILOSOFISMO.**  
**DO S E C U L O X I X.**

---

*In malevolam animam non intrabit Sapientia:*

Sap. Cap. 1.

---

**N**ão ha , nem pôde haver coisa mais aborrecivel , e mais detestavel aos olhos da boa razão , que a entoadada soberba de hum malevolo ignorante. O homem sisudo não pôde olhar sem indignação para essa interminavel cohorte dos que neste seculo se dizem livres pensadores , quando contempla o soberbo , e ultrajante gesto , ou amargo sorrizo com que elles

olhão para o homem de bem , que fiel a seus principios , e consequente em sua crença , e conducta , respeita sua Religião ; e a reconhece divina em sua fonte , e sua origem. Deste rizo , e deste soberbissimo signal de huma ultrajante compaixão , quantas vezes tenho eu sido testemunha , e tambem objecto no meio desta Capital ! Eu julgava que apenas aconteceria isto no meio das praças da nova , e mais prostituida Babylonia , mas eu o vi realizado tambem em Lisboa. Se o medo , e o terror de hum justo castigo continha , e exteriormente refreava estes estóolidos motejadores no centro de hum Governo Catholico , e vigilante , elles deixarão cahir de toda a máscara , e mostrarão sem pejo a impudentissima face em quanto sentimos o ferreo jugo do cáos revolucionario , que nos invadio , e tyrannizou por nove continuos mezes. Então , então esses maievolos academicos do segredo , e das visagens , imaginando , vertiginosos , *illusos* , que havião levantado , e fir-

mado o estandarte de sua nem realizada, nem possível liberdade, insultarão os verdadeiros fieis, e os taxarão de fraqueza, e pusillanidade, e os titulos menos affrontosos que lhes davão, erão os de fanáticos, crédulos, e supersticiosos. E quem serião estes miseraveis entusiastas? Por ventura alguns Celsos, Jamblicos, ou Profirios doctos, e profundos Filósofos successores em Athenas, e Alexandria daquelles famosissimos oraculos do Epicurcismo, e Platonismo? Algum daquelles que apoiados com a incredulidade, e poder de hum Imperante como Julianno pertenderão com seus escriptos, e doutrina solapar os alicerces do nascente Christianismo? Seria honrar, e desvanecer excessivamente estes átomos de sabedoria, se eu os comparasse a tão formidaveis, e terriveis talentos da antiguidade. São verdadeiramente huns átomos, e perdidos no espaço immenso dos malevolos; huns obscuros adeptos do Illuminismo cobertos: agora de hum riu

diculo eterno com os contrarios effeitos daquellas a que elles chamavão profundas theorias de moral, e de politica : esmagados agora debaixo do peso das vergonhosas derrotas do monstro em que confiavão, e que por certo ignora sua existencia, e do qual não podião, como a experiencia lhes diz, esperar mais que opprobrios, ferros, escravidão, e morte. Huns famintos, mas vaidosos mendigos, que esperavão entrar na divisão da preza dos sanguinarios Tigres, cuja avidade, e cobiça insaciavel até se rouba a si mesmã para se saborear no roubo, e não haver intervallo neste seu natural exercicio : huns ociosos perennes, que nesses asilos da embriaguez se assoalhão a si mesmos por fortissimos espiritos ; e não deixão a bocas alheias a trombeta de sua fama, e do renome de seus relevantes, e sblimissimos engenhos, homens finalmente, que sem mais estudo, sem mais Universidade, sem mais applicação, sem mais livros *que o Monitor*, sem mais academias



que as conferencias das trévas nos subterrâneos da crápula, e das enigmáticas, e symbolicas ferramentas, ousão clamar, que nós os verdadeiros fieis; acreditando, e respeitando nossos santos, e adoráveis dogmas, não fazemos de nossa natural razão aquelle uso que podíamos, e que devíamos fazer. Que dando-nos a Natureza olhos para ver, desgraçada, e voluntariamente nos fazemos cegos; e que querendo ser humildes, e obsequiosos crentes, nos tornamos pessimos racionadores, que a nossa crença faz resvalar a dignidade do ente pensador para a classe do bruto, que deshonra a humanidade, sepulta, ou estraga o mais precioso talento que nos dá o Creador, que vergonhosamente nos classificamos abaixo dos animaes rudes, acima de cuja esféra estavamos constituidos pelas faculdades intellectuaes. Eis-aqui o que eu mesmo estudei, o que eu mesmo soffri; e ouvindo discorrer tanto a estes livres pensadores, nunca pude arrancar de

estas eloquentissimas linguas a causa ; e o motivo desta tão filosofica accusação. Mas estas idéas óccas expostas em sesquipedais expressões , que parecem destiladas pelo vagaroso , e enfatico intervallo que ha entre huma , e outra , e apoiadas com os estrondosos nomes de Raynal , Voltaire , e Helvecio , e proferidas diante da juventude inconsiderada , ociosa , e irreflexiva , obrigão a se formar de nós aquelle conceito , que se fórma de hum rebanho de animaes brutos , e estupidos que se despenhão , e precipitão cegos por aquelles combros por onde vêm arrojarse o primeiro , ou por onde os chama o silvo de hum pastor , ou a sombra de huma vara. Aquelles que assim nos tratão , e insultão são acclamados , e tidos em conta de espiritos pensadores , amigos do bom siso , e defensores da verdade , e até redemptores da oppressa razão , que sabem magistralmente purgar-se a si , e aos outros de preocupações ~~de~~ *sendendo-os* dos ataques da ignoran-

cia, do fanatismo, e infantil credulidade.

Não sei, Senhores, se podereis ter ouvido em paz, e sem se vos desprender o fogo da ira, e da indignação, coizas tão vis, e tão affrontosas; mas socegai, que talvez seja este o dia do triunfo mais illustre da nossa Fé contra o Filosofismo do Seculo XIX. Eu vos amo, prezo, e respeito tanto como a verdade, e discorrerei de maneira que empenhe todas as forças da razão, e da eloquencia, e farei que tão escandalosas vilanias se não digão mais, ou se não digão impunemente aos verdadeiros fieis. Mas porque caminho dirigirei eu os passos do entendimento a esta baliza? Os apologistas da Religião nada tem até agora omitido: são conhecidos seus escriptos. Holland, e Valceschi responderão a Mirabaud, Bergier a Freret, Abbadie, e Hauteville a Wolaston. A Celso respondeo Origenes, a Juliano S. Cyrillo, a Profirio o maior de todos os Oradores, Nazianzeno: eu rest

ponderarei a todos. Os modernos Incredulos não são mais que serviz , e miseraveis éccos destes antigos sofistas : e crêde que têm mais pezo , e força hum fragmento de Profirio , ou de Celso , que toda a supposta , formidavel artilhar: a encyclopedista : e hum Occelo , e hum Timeo mais que o confusissimo systema da Natureza: Estando pois todas as varedas batiadas , e todos os meios empregados , eu não posso dizer-vos que seguirei hum caminho novo , seguirei o mais plano , obvio , e descoberto , e que possa ser pizado até pelos entendimentos menos agudos , e penetrantes sem o afan de profundas especulações. Eu confrontarei o uso ou emprego da razão natural , que fazem os verdadeiros fieis com o uso , e emprego , que da mesma razão fazem os incredulos. Constituirei de huma parte estes estrondosissimos panegyristas , e redemptores da razão , que segundo elles dizem , e assoalhão , lhes serve para ~~ser~~ , e conhecer todas as coizas sem

ter necessidade da Fé, e que desprezão, ou regeitão magistralmente tudo o que ou não comprehendem, ou não vêm com a mesma razão. D'outra parte constituirei os verdadeiros crentes os mais rendidos, e sujeitos ás suas decisões, e mais apartados do espirito de duvida: e comparando, ou confrontando hum com outro partido, fazendo entrar em fechado campo os humildes, e simplicies crentes com os soberbissimos e eruditissimos Sofistas como vira o vale de Therebintho de huma parte hum Gigante, e d'outra parte hum joven pastor, farei ver, e conhecer victoriosamente a qual dos dois convenha o brazão e o timbre de fazer uso, e o melhor uso das faculdades intellectuaes, qual dos dois honre, ou qual avilte a razão, e a humanidade, e qual dos dois mereça a compaixão como enganado, e obtuso, qual seja digno de louvor como atilado, e consequente.

Conheço, Senhores, que a vantagem está da nossa parte, e que a tor-

nará evidentissima com o meu Discurso, e tambem: conheço que assim como os mysteriosos das vizagens, e dos signaes da esquadria se obstinão em planos de profunda tactica e politica sublime para igualizar, republicani-  
zar, domocratizar, e fraternizar o Mundo depois que elles mesmos, e não outros, o encadearão aos pés do monstruoso despotismo de hum obscuro aventureiro, sem que se envergonhem nem do mesmo ridiculo de que estão cobertos; tambem para se vingarem da yerdade que lhes dér nos olhos, se obstinarão ainda mais na impostura, e no engano. Se algum destes miseraveis existe no meio deste immenso auditorio, e se tem trazido para aqui o compasso para medir o que não entende, esperando escutar as frases do neologismo de seus ridiculos periodicos, eu lhe peço, que se digne hum pouco de desfranzir as arqueadas filosoficas sobranceiras, e ouvir por hum instante hum Christão *desapaxionadamente*, e desenganar.

se-ha, que só no seio do Christianismo, e no regaço da Fé se acha o Orador sublime, o Filosofo profundo, e o homem da razão, e da verdade.

---

## DISCURSO.

**D**IZEM pois os mysteriosos censors, e não tem jámais deixado de o repetir o mais insignificante folheto da escola tenebrosa, que nós os Christãos nem fazemos, nem queremos fazer uso de nossa razão natural; que quando se trata dos mysterios da Religião, accreditamos, e emudecemos; que não damos conta aos outros homens dos motivos da nossa fé; que conservamos como encadeadas as faculdades racionaes, e intellectuaes sem entrarmos no conhecimento analytico destes mesmos motivos. Tal he a primeira calumnia, que envolta em re-

bombantes periodos, sahio do famoso  
 Club de Holbac, e havia de muitos  
 annos antes apparecido no impio Li-  
 vro *O Militar Filosofo*; tal he o pri-  
 meiro improprio que vem na van-  
 guarda dos impugnadores, e refutado-  
 res analyticos da verdade da Religião  
 Christã. Tal he o principio puerilmen-  
 te rebatido até ao enjôo. em tantos li-  
 vros de identica substancia, de iden-  
 tica doutrina, e até de titulos identi-  
 cos, e que já desafião a irrisão do ho-  
 mem sisuao, vendo que aquellas cé-  
 gas, e tenebrosas Toupeiras não sa-  
 bem mais que hum caminho subterra-  
 neo; *Systema da Natureza*; *Filoso-  
 fia da Natureza*; *A Natureza*; *Re-  
 ligião da Natureza*; *Codigo da Na-  
 tureza*; *Moral da Natureza*. Tal  
 he o grande achado com que se es-  
 maltão os noventa e nove volumes  
 do palavrosissimo Sofista de Fresney.  
 A estes malevolos oraculos, em que  
 não cabe a sabedoria, eu poderia já  
 dizer as mesmas palavras que o Mar-  
 tyr Luciano disse em Antiochia ao so-



berbo Proconsul : Sabe, que nós os Christãos não nos dirigimos, e levamos como tu julgas por huma indisputada, e paternal tradição como fazem os teus Filósofos. Deos he o Auctor da nossa crença, e Deos nos falla de Deos. (Euseb. Hist. Eccl. Liv. 9. c. 6.) Isto poderia fazer emudecer os monstros, mas começemos de mais longe.

Sabei, ou não o affecteis ignorar, que os primeiros annunciadores do Evangelho, tiverão á frente dentro em Jerusalem os mesmos Hebreos incredulos, e pertinacissimos, e que a estes mesmos Hebreos se disse, e se provou, que o alimento da nova crença em o Christianismo era muito racional. Sabei, ou não o affecteis ignorar, que o mesmo Apostolo, que havia sido perseguidor, fallára ao Arcopago de Athenas, e aos Filósofos de Roma, e que dissera, que o obsequio, que nosso entendimento fazia á Fé, era muito racional. Por ventura o Arcopago de Athenas, celebradissimo por sua sabedoria, e prudencia, e

Academias da douta Grecia, e sobret  
 bissima Roma erão ajuntamentos de  
 gente escolhida, ou capaz de se deixar  
 embair de admiração pela doutrina de  
 Paulo, e de abraçar sem escrupuloso  
 exame, e sem huma muito filosofica  
 discussão os elevadissimos mysterios,  
 que elle lhe propunha? Que injustiça  
 he esta dos fataes encyclopedistas, e  
 seus adeptos, cujas ramificações se es-  
 tendem tanto pelos domicilios da crá-  
 pula, e politica desta Capital! Por-  
 que alguns humildes idiotas, e me-  
 drosos dos astutos, e capciosos sofis-  
 mas emudecem aos altisonantes nomes  
 de Pitaval, e Raynal, ou dizem sim-  
 plesmente que accreditão, fazer com-  
 mum a todos, e até a mim, esta lin-  
 guagem, constituindo de seu plenis-  
 simo poder ao som de altas punhadás  
 nas marmoreas bancas huma enorme  
 distancia, e huma irreconciliavel in-  
 imizade entre o discorrer, e o accredi-  
 tar! E se eu vos fizer ver, oh male-  
 voos, e incapazes da luz da verda-  
 deira *Filosofia*, que nenhum dos Fir-

sófos antigos, e modernos fez tanto uso da natural razão em seus princípios, e opiniões, quanto faz em sua Religião hum verdadeiro crente? E se pelo contrario eu vos mostrar com evidencia que não existe hum individuo, que menos empregue a razão, ou que a empregue mais despropositadamente que hum incrédulo do estúpido rebanho dos fortes pensadores? Eu já poderia cortar de hum golpe a grande questão, constituindo-vos diante dos olhos a pueril differença dos innovadores em materias puramente Filosoficas, e perguntar-vos se he mais chegado á razão o systema de Talia-med, ou o de Delisle sobre a formação do Universo, e producção das creaturas, se a cosmogonia de Moisés? Se he mais conforme aos dictames da razão natural o systema de Buffon, que pertende, que huma partecada dada por hum Cometa no corpo do Sol, das lascas que saltarão se fizerão todos os globos que em torno delle girão com tão compassados,

regulares movimentos, se a criação do mesmo Sol; e dos astros pela voz de hum Deos Onnipotente como nos declara Moysés? Mas deixemos por agora esta confrontação de objectos particulares para procedermos com methodo em materia de tanto momento, e consequencia; e conheceremos quaes sejam os cégos, e os inconsequentes.

Eu me persuado que estes zelosissimos Apostolos da razão não são tão encarniçados inimigos da crença Christã, que em odio da mesma crença queirão abolir, e exterminar de toda a mesma fé humana; nem se poderia entrar em argumento com estes filosofantes, se negassem este primeiro, e evidente principia: e tambem me persuado, que se não póde imaginár hum homem nem mais irracional, nem mais infeliz do que aquelle, que vivesse com o firme presuposto de não dar jámais credito a outro homem, que falle, ou escreva, salvo se sua escriptura, e suas palavras não forem *imediatamente* apoiadas com o actual,

e perenne testemunho dos sentidos. E se he bom uso, segundo lhes oigo dizer, aquelle que se faz da razão humana accreditando os homens que fallão, ou escrevem, julgo, que não dirão; que he máo uso aquelle, que se faz da razão accreditando a Deos. Eu creio, que este será chamado por elles mesmos o uso mais perfeito, mais excellente que se possa fazer da faculdade racional, pois vêm, que assim discorrêrão, e praticarão não os idiotas, e simples crentes, mas hum Newton, hum Locke, e hum Pascal. Sim, dizem os mysteriosos, ou ridiculos iniciados, se esse Deos existe, e, se acaso existindo, esse Deos fallou... Não se dêem tanta pressa, Senhores, eu sei que até esses limites chega toda a sua subterranea, tenebrosa, e escondida iluminação. Trataremos ainia destes dois grandes objectos, por agora bastará ver, que se os pensadores fortes acreditão mais os homens que Deos, e se nós acreditamos mais Deos, que os homens, e se

mos da nossa parte huma incomparavel vantagem, e igual áquella que tem hum homem de bom siso sobre hum varrido mentecapto. Creio, que esta d'úvida dos mysteriosos umbriferos sobre a demonstrada existencia de Deos, he huma especie de espantallo, que me tem querido pôr, pois o mais superlativo Veneravel, e o do mais empinado cabeça do Libano, sabe muito bem, que hum verdadeiro Atheismo depois de se haver sofisticado tanto, ao menos para o estabelecer como provavel, em os dois confusos volumes do inintelligivel Systema da Natureza, segundo a confissão até do mesmo Vanini, e Spinoza, he hum verdadeiro delirio. He justo, que os Senhores politicos tenebrosos procedão, e argumentem de boa fé, e que não saíão de suas trincheiras, que são as do Deismo, e não as do Atheismo, e supposta a verdade que elles absolutamente se não atrevem a negar, que existe hum Deos, cujas provas *a priori* até agora não tentadas, cu produzi-

rei bem depressa em hum Tratado particular, para consolação da razão humana; eu me não devo obrigar agora a outra demonstração mais, que á demonstração de ter fallado aos homens. E quantas vezes, e de quantas maneiras tem elle fallado destes dogmas, que nós accreditamos, e desta Religião, que nós professamos? Por que meios tão maravilhosos, tão estupendos não tem elle annuciado aos mortaes seus profundos mysteriões, as Leis, e os Decretos de sua immortal vontade? Fallou primeiro muitos seculos antes pela lingua, e pela penna de alguns homens, que tão exactamente annunciárão, e descrevêrão os futuros acontecimentos desta Religião, e do seu Auctor, bem como os mais imparciaes, e fieis Historiographos descrevem os factos presentes, ou á pouco acontecidos debaixo de seus mesmos olhos: e estes futuros acontecimentos pontualmente verificados, além de serem contingentes, erão destituidos, (conforme a capacidade do som

tendimento humano ) de toda a apparencia, e probabilidade de se verificarem : oppostos a todos os raciocinios, a todas as conjecturas humanas, a todo o systema dos tempos em que se escreverão ; e além disto repugnantes entre si, como são repugnantes, e apparecem contradictorios em huma mesma personagem, em hum mesmo culto ; pobreza, e grandeza ; exaltação, e ignomínia ; throno, e patibulo ; desterros, e conquistas ; estragos, e multiplicação ; perseguições, e victorias. Fallou em segundo lugar, pela boca de seu mesmo Filho, pondo por elle fim evidentissimamente á primeira alliança, e juntamente ao Altar, ao Sacerdocio, e ao Principado de huma Lei figurativa, e só permanente antes da realidade : e dando principio nelle, e por elle á nova alliança, conductora de verdadeiras bençãos a todas as Nações, conforme os clarissimos vaticinios de todos os Profetas. Fallou com a voz de huma grande parte do *Mundo, que passou rapidissimamente*



te do culto idólatra, que era a Religião dominante, e quasi universal á creença Christã; dos encantadores de leites á temperança Evangelica; das soberbas riquezas á desprezível pobreza; do ambicioso commando á humilde sugeição, bastando doze homens simples, e ignorados para fazerem esta moral revolução por toda a parte do immenso Imperio Romano. Fallou com a voz de huma grande multidão de homens literatos do Gentiismo, que conhecendo, sentindo, e admirando a santidade desta Religião, e a sublimidade destas doutrinas, julgáram huma rematada loucura sua antiga sapiencia, e se tornarão como hum Justino, de Filozofos Pagãos em Theologos, e Mestres do Christianismo. Fallou finalmente com o sangue de hum numero portentoso de Martyres, cuja constancia acompanhada sempre de hum silencioso, e pacifico soffrimento excede todas as forças da humana natureza, nem cabe nos confins da humana Filosofia.

Agora eu vos pergunto , ó espiritos incredulos , ó mysteriosos pensadores , grandes columnas dos Liceos centraes , e dos Printaneos universaes , ó eruditos profundos em Monitor , e mais nada ; ó estupidos sequazes do Filosofismo Wandalico , e revolucionario , quem vos tem fallado , quem vos tem feito pensar , e crêr cousas contrarias aos principios , e dictames desta minha fé , na qual se observa , e se escuta manifestamente a palavra de hum Deos , que fallou aos homens ? Nós somos iguaes nisto só : *Eu creio , vós accreditais*. Porém nós somos diferentes nos motivos , nos auctores , nos testemunhos , eu , da minha crença , vós da vossa incredulidade , e futilissimas duvidas. Dizei-me pois , quem sejam aquelles que vos tem fallado de viva voz , ou por escriptura ? Ah ! vós vos correis , e envergonhais de os nomear ! Tambem eu me envorgonho , e corro de proferir seu nome , para que não julgue , ou se não persuada *algum idiota dos doirados . . . crapulosos . . .*

domicilios de Lisboa; que eu me digno de instituir huma confrontação entre os vossos mestres de Fé, e os meus. Seria fazer o mais injurioso paralelo nomear Freret, Boulanger, Diderot, e d'Alembert, e depois os mais sublimes Profetas, e os Santos, e doutissimos Mestres do Christianismo, ainda no seu berço, como hum Origenès, hum Athanazio, hum Tertuliano, e hum sublimissimo Nazianzeno. Direi sómente em geral, que estes Coriféos, Enciclopedistas, e Oraculos do Filosofismo são crentes de propria invenção, e mestres de proprio moto, trepados em pestilenciacas cadeiras, mestres sempre fluctuantes, sempre incertos, sempre discordantès entre si, sempre contradictorios consigo mesmo como hum Jaques, que em huma pagina exalta o Evangelho como huma producção divina; e logo n'outra pagina o deprime como hum parto da simpl cidade, e do Fanatismo: mestres, que se de sua crença, ou de seus sofismas.

tidos escritos dependesse o mais pequeno, e o mais insignificante negocio domestico de seus discipulos, ou alguma de suas terrenas vantagens; eu fico que a todos os de sua escola pareceria summa imprudencia fazer-se incredulos sobre a sua honrada, e scientifica palavra.

Mas não he este o lugar para esta discussão, he tempo sim de confrontar uso de razão com uso de razão; o uso que eu faço com o uso que vós fazeis, ou vos considereis como discipulos, ou vos assoalheis como irmãos terriveis, e veneraveis: e se esta disputa terminar em desvantagem vossa, sereis obrigados a confessar racional a minha fé, depois que tantas vezes a tendes escarneado, e me tendes provocado, e até reprehendido como rebelde ao bom sizo, como desprovido de razão, e até ingrato á humanidade. E porque? Oição este porque os Povos mais selvagens, e incultos da terra, e di-  
gão senão he nova até entre elles

tanta extravagancia , e tanta brutalidade ! Porque a despeito de hum arbitrario fabricante de systemas , de hum arguto , e sagaz filosofante , de hum fantastico pensador , tenho dado credito , e o dou ao Supremo Ser , á Suprema , e primeira verdade , que fallou em todos os Seculos , que fallou em todas as lingoas , que fallou em sua propria pessoa , ensinando-nos por si mesmo dogmas unidos , e ligados entre si com hum laço maravilhoso , e , se nem todos são accessiveis ao entendimento humano , são todos conformes aos dictames da recta , e natural razão.

O que acabo de dizer , que a minha fé , e a minha crença tem alguns artigos que parecem inacessiveis ao entendimento , humano desabafa alguma cousa meus implacaveis accusadores da consternação , e aperto em que os lançou a primeira parte da indicada confrontação : porque , se he verdade , dizem elles , como eu confesso , que a Religião tem alguns dogmas

gmas não perceptíveis ao entendimento humano, eis-aqui porque eu Chris-tão, a respeito dos mysterios da Fé, sou obrigado a renunciar o lume da razão natural: em quanto nós... Em quanto vós, oh! Pitavais, oh! Rainais! sois obrigados a renunciar o lume da razão natural a respeito dos mysterios da Natureza. Esta minha resposta assim vibrada, talvez seja pouco succesa, e muito restricta, he preciso que eu a exponha com mais perspicuidade, e extensão.

Assim como he hum indispensavel dever do homem pensar segundo a razão natural, tambem he hum dever indispensavel do mesmo homem conhecer os confins, ou as balizas que a Natureza constituiu a esta razão; e ainda que exacta, e precisamente se não possam determinar quaes sejam estas balizas, conhece-se com tudo que existem muito á quem das cousas invésiveis, e imateriaes. E que conta se dá a si mesma esta tão orgulhosa razão das cousas corporeas

hum pouco superiores , ou distantes dos nossos sentidos ? Que conta se dá daquellas mesmas cousas que temos entre as mãos , e que com o olho armado de lentes subtilissimas examinamos todos os dias ? Que razão nós damos do movimento de hum insecto , da sobida de huma lavareda , da tendencia de huma pedra para o centro da gravidade , da respiração de hum animal , do phenomeno regular do fluxo , e do refluxo , da causa immediata do magnetismo , dos espantosos effeitos da electricidade , das fases da lua , da marcha excentrica , e irregular de hum Cometa , do movimento de hum Planeta , da sua acceleração na razão inversa do quadrado da distancia ao centro da revolução ? E quem seria tão desasistado que em lugar de confessar limitada a sua razão , negasse pertinazmente a existencia destes objectos porque os não comprehende ? Que conceito formariamos daquelle profundo pensador , que porque os não entende

Ma os julgasse , e reputasse a todas  
 ou'ras tantas imaginações sem funda-  
 mento , ou outras tantas illusões da  
 fantazia , e dos sentidos ? Não se di-  
 zia de hum menino , que tocasse apenas  
 o septimo anno de sua idade , que  
 não usa da sua razão , e que injuria  
 a Natureza que lha communicou , por-  
 que se não levanta com o entendimen-  
 to a especular os mysterios , e a re-  
 solver os problemas da mais recondi-  
 ta Filosofia ? Dir-se-ha com verdade ,  
 que considerando a molleza de suas  
 fibras , e a immaturidade de seus or-  
 gãos , estes pensamentos altos , e es-  
 tas profundas especulações não são  
 ainda para elle , e que muito faz ,  
 attendida a sua idade , se se adianta  
 hum pouco em o material conheci-  
 mento das letras , e em huma super-  
 ficial combinação das syllabas. E se  
 este menino por não poder penetrar ,  
 e conceber sciencias maiores que es-  
 tes seus primeiros rudimentos da lei-  
 tura , negasse que existião mais sci-  
 encias , e mais reconditos conhecimen-



ebs das causas, e dos effeitos, todos  
 se ririão, e lhe não darião o nome  
 de louco em attenção á sua muito  
 tenra, e delicada idade. Dizeis que  
 su discorre com clareza, mas he por-  
 que se trata de huma razão tenra, e  
 noviça, mas que o argumento não  
 tem força onde se trata de huma ra-  
 zão perfeita, e chegada á sua devida  
 maturidade. Seja embora a razão ma-  
 dura, e perfeita, dizei-me pôde ella  
 acaso transgredir seus naturaes limi-  
 tes? Pôde acaso deixar de ser razão  
 anuviada do sentido material, e oêga  
 para todos os objectos que não forem  
 corporeos? E não são provas desta  
 verdade alguns incredulos escarnecidos  
 por vós mesmos, por terem affirma-  
 do como Mirabaud, que nada mais  
 existe em o Universo, que corpo, e  
 materia: ou por haverem affirmado  
 que esta materia he Deos, que esta  
 materia he a Providencia, que esta  
 materia he aquella immaterial substan-  
 cia, Arbitro supremo, e separado da  
 Natureza, que eu, simples, como

e adoro como hum ser infinito , de ordem superior , e todo espiritual? Lembrai-vos , que he identico o vosso caso , e o do tenro menino , que porque não tem entendimento capaz de formar idéas mais sublimes , cuida que toda a sciencia humana consista em saber contar hum pouco melhor ; e em combinar com mais facilidade algumas syllabas materiaes.

Torno outra vez ao campo com as empunhadas armas do paralelo , e vos peço , que me digais se acaso seja honrar a humanidade , ou pizal-la , e despezalla furiosamente depois de ter com mil provas conhecido a limitada capacidade da razão , até no conhecimento , e analyse das cousas sensiveis , que são de sua immediata jurisdicção , attribuir-lhe tanto dominio , e dar-lhe huma vista tão aguda , e penetrante , que nem das cousas inveseis , nem da Natureza Divina , nem das Divinas operações , se não deva acreditar , nem mais , nem menos , senão aquillo que a mesma

razão pôde comprehender , e isto com tanta segurança ensinado pelos Veneraveis aos adeptos dos primeiros grãos, ou dos primeiros momos , ou visagens , que quem pensar d'outra maneira se deva logo constituir á carga cerrada na classe dos brutos animaes, desprovidos de razão , e de conhecimento. E he isto conhecer , como he de obrigação de todo o mortal raciocinante , os limites do entendimento humano , e do humano discurso? Em que direis vós que estes Veneraveis , ridiculamente mitrados , annunciando enfaticos o ramo d'Acacia , e que a carne deixa os ossos , se distinguem de hum insensato , que com azas postigas presume levantar o vôo , e girar em torno das orbitas dos Planetas?

Porém os crentes não fechão voluntariamente os olhos da razão? Não se immergem voluntariamente nas trevas da Fé? Vós aqui dissimulais com vossa costumada perfidia , e malicia *ter visto a clara luz que eu vos mo-*

sei na manifesta palavra de Deus, e  
 cujo clarão inextinguível nós cami-  
 nhámos, e confundi com hum de  
 vossos ordinarios sofismas as trévas  
 do entendimento com as trévas da  
 razão: mas eu vos farei bem depres-  
 sa conhecer quaes sejam, e a quem  
 pertença as primeiras, quaes sejam,  
 e a quem pertença as segundas. Tré-  
 vas de entendimento são aquellas de  
 que se vê rodeado nosso espirito,  
 quando, por mais que investigue, e  
 procure descortinar certos arcanos da  
 Religião, não chega a conhecer, nem  
 o seu modo, nem o seu fim, nem  
 a sua causa: eis aqui aquelle abysmo  
 insondavel á vista do qual bradava o  
 Apostolo -- *ob altitudo!* Mas isto são  
 trévas necessarias a que podemos cha-  
 mar sagradas sombras, em quanto se  
 derivão, e se derramão da incompre-  
 hensivel Natureza do Ser Divino, e  
 das Divinas operações, e por isto são  
 trévas universaes para todos os enten-  
 dimentos creados, são trévas para  
 mim, e para os profundos pensado-

res; são sombras minhas, e sombras vossas por mais que vos chameis illuminados, nem são mais dos Egypcios, que dos Hebreos, nem mais dos Gregos, que dos Romanos, nem mais dos incredulos, que dos infieis, ou dos idolatras. Porém quando, ou por hum estranho orgulho não se queirão nem conhecer, nem confessar estas trévas, ou conhecendo-as, e confessando-as se fechão os olhos á luz da divina palavra, que torna firme a nossa fé no meio destas mesmas sombras, então as trévas que erão só do entendimento passão para a razão, e se tornão trévas voluntarias, e por isso trévas culpaveis, trévas deshonoras, trévas de homem, que por ser pertinacissimo, renuncia os dictames da recta razão, e desce, e se faz semelhante aos mesmos brutos.

Eu me magoó, e penalizo, oh espiritos incredulos, devedo dizer-vos que esta tão tenebrosa, e aviltada razão, he pontualmente a vossa.

Quanto mais me penalizo quanto mais  
 conheço que vós quereis ser homens  
 pensadores fóra do uso commum , e  
 da vulgar esféra. Mas talvez que vos  
 lembre alguma resposta , que vos li-  
 vre ao menos em parte desta vergo-  
 nhosa infamia. Pensai , estudai , me-  
 ditai , consultai os vossos mais medi-  
 tabundos Veneraveis , lê-de , e relê-de  
 vossos amados livros ; o vosso Tin-  
 dal , o vosso Collins , o vosso Bolim-  
 brocke , o vosso prezadissimo Oratu-  
 lo de Fresney , vê-de se nesse erario  
 de paralogismos podeis achar algum  
 argumento , alguma palavra que vos  
 possa destruir o vergonhoso labéo de  
 serdes em materias de Fé homens  
 desprovidos de razão. Eu mesmo ,  
 não posso encontrar , por mais que  
 subtilize , huma só vereda por onde  
 vos possaes escapar. Vós me conce-  
 desteis já , nem o podeis negar , que  
 existe Deos , vós tambem me deveis  
 conceder , que elle haja revelado aos  
 homens o culto com que quiz ser  
 adorado pelos mesmos homens ; que

o revelou, e manifestou de huma maneira descoberta, e sensivel, milagrosa em cada huma de suas circumstancias que este culto, para ser digno d'elle, devia conter verdades superiores á esfera do humano entendimento, e que de outro lado este humano entendimento he tão pouco penetrante, que não póde presumir sem loucura que conhece, e entende todas as verdades fysicas, e naturaes. E porque estes Dogmas da Fé se envolvem em magestosas sombras, e sagrada obscuridade, vós recusaes acredita-los sem que se vos torne evidente sua possibilidade, ordem, e economia; e nós os fieis que os acreditámos sem tão filosoficas delicadezas somos tratados por vós, profundissimos pensadores, e accreditaadores das verdades do Monitor, de estupidos inimigos do bom senso, e de pessimos racionantes.

Nós, continuão os Veneraveis a clamar, não dizemos que vós sois pessimos racionantes, dizemos sómente que conservaes em estúpido

arração, e o discurso. Isto he huma  
 retirada que eu não podia esperar,  
 mas esta mesma retirada não os salva  
 de serem seguidos, e feridos com as  
 armas da razão. Dizem pois, que eu  
 por ser crente, sou constringido a  
 conservar em ocio vituperoso o dis-  
 curso humano, sepultando o maior ta-  
 lento, ou dom da Natureza, que he  
 o lume da razão. Grande Deos! E  
 era de esperar isto de homens que  
 tem olhos para ver, e razão para  
 discorrer! E era de esperar huma se-  
 melhante impostura? Entrai oh in-  
 credulos, em alguma daquellas res-  
 peitaveis Bibliothecas conservadoras,  
 e depositarias da sapiencia Christã,  
 e alongai a vista para o assombroso,  
 e sorprendente número daquelles ve-  
 lumes cheios de amplissimas próvas  
 da verdade da Religião Evangelica,  
 e para que não digaes que constituo  
 ante vossos olhos alguma Legenda  
 crédula, algum Místico a que cha-  
 mais Visionario, lê-de unicamente  
 Emocio, e Locke ambos defensores,



ambos demõstradores da verdade do Christianismo ; e de seus augustos Dogmas. Aqui achareis demonstrações luminosissimas , e levadas até a evidencia ; ás quaes os mais pertinazes das vossas nocturnas , e tenebrosas escolas não se atrevêrão ainda a responder ; e os mais atrevidos não tiverão ainda outra resposta que dar mais do que viipendios , e motejos plebeos : e quando tem querido dar resposta , como serios argumentantes , não tem feito mais que oppôr ás prõvas daquelles dois profundos Filosofos , fabulosas relações ; Padres suppostos ; Escrituras falsificadas ; Authores suspeitos ; e desacreditados , e se vós chamais ás prõvas do Christianismo fructos do ocio Christão ; que chamarei eu a taes objecções , fructos da vossa pensadora incredulidade ? A respeito pois da Essencia Divina , da sua immensidade , da sua immutabilidade , da sua eternidade ; que tem imaginado de grande , e que descobrimto tem feito os vossos pro-

fundos pensadores, e os maiores oráculos do maior Oriente, para que se não creia em nossos pensadores Christãos? Tudo quanto disserão sobre a Natureza Divina os Socrates, os Platões, os Democritos, os Zenos, e outros Mestres pelo muito uso que fizeram da razão natural dignos de fama, e de memoria, he apenas hum balbuciamiento de tenros meninos a respeito do que ensina o menos profundo dos Theologos Christãos, e o mais superficial, e insignificante dos nossos livros. A causa de tão grande differença entre uso de razão, e uso de razão, se vos dignaes escutalla o mesmo Evangelho a está declarando. De differente maneira edifica aquelle que escolhe para o edificio hum terreno compacto, e pedregoso, do que edifica aquelle, que escolhe hum terreno movediço, e solto; o primeiro não tem medo de levantar alto da terra o edificio que constroe, em quanto o segundo, attendida a natureza do terreno, se vê obrigado a conser-

var muito baixo o edificio, nem pôe huma pedra sobre outra pedra sem receio de que crescendo o pezo cahia tudo confuso, e despedaçado sobre o infiel terreno. De similhante maneira acontece a hum entendimento, que tem fundamentado suas decisões sobre o firmissimo alicerce da sua Fé. Sobre estas bases se pôde levantar com a razão, até ao solio do Immortal, para investigar a Essencia Divina, e as Divinas perfeições sem erro, e conhecer sem perigo cousas remotas, e distantes do entendimento humano. Pelo contrario os incredulos, e os Veneraveis que tanto me tem taxado de embecillidade, sem o fundamento da Fé, por pouco que se queirão levantar com a razão, devem sempre temer huma confusa ruina de caprichosos fantasmas, e vergonhosas contradicções.

Ainda com o impeto, e força desta evidencia não emudecem os pertinacissimos impugnadores, ou refutadores analyticos: que ha que dizem

Pergunhem elles animosamente a voz  
 que ha que dizer a estas no-sas livres  
 fantazias, ás quaes se dá o odioso  
 nome de caprichosas ! Por ventura,  
 não são ellas hum amplo patrimonio,  
 e hum direito innato do espirito hu-  
 mano? Custa-vos acaso, que nós os  
 pensadores recusando crer, nos con-  
 servemos na posse daquella liberdade  
 de pensar que a Natureza nos deu,  
 e que tanto tem dilatado os nossos  
 Veneraveis, e da qual tão injustamen-  
 te nos despoja a Fé? Ah ! Illusos  
 fraternizadores, e niveladores ! E por-  
 que não dizeis, que tambem a Phi-  
 losofia despoja o entendimento humano  
 da liberdade de pensar? Quantos vós  
 de engenho he preciso refrear, quan-  
 tos systemas he preciso regeitar, quan-  
 tas invencões he preciso sacrificar, ás  
 leis daquella, que segundo o vario  
 gosto dos Seculos se chama boa, e  
 razoavel Physica? Vos que accusaes a  
 Fé de ligar o entendimento, e de o  
 condemnar a huma individua servidão,  
 porque não accusaes tambem a Scien-

cias, que todas tem seus princípios, suas regras, seus confins, que da mesma sorte que pratica a Fé, põem hum freio, e prescrevem leis ao licencioso entendimento?

Com effeito, ou se considerem as sciencias, ou se considere a Fé, ou isto em vós he huma grosseira impostura, ou huma equivocação pueril, porque esta liberdade de pensar de que dizeis vos despoja a Fé, vós por certo a julgais, e a entendeis huma liberdade sabia, digna de hum homem racional, e não huma liberdade de fernetico, ou de hum sonhador febricitante. Ora dizei me em que vos violenta, ou vos constrange esta Fé, cuja prepotencia vós tanto exaggeraes? Ella vos obriga a dizer que existe Deos, e esta existencia já está demonstrada pela razão natural. Ella vos obriga a confessar que este Deos existente fallára aos homens, e he evidente que elle fallou pelo exactissimo complemento dos vaticinios. Ella vos obriga a confessar, que em

palavras deste Deos são infalveis , e he inegavel que não podem deixar de ser infalliveis pois são de hum Deos que encerra em si todas as perfeições. Fóra disto eu não posso , nem he possível descobrir cousa em que se constanja , ou tyrannize , como vós dizeis , a vossa liberdade ; salvo se vos queixaes de perder aquella liberdade que quereis ter de ajuntar contradicções , de engrazar impossiveis , e de dar ao Mundo ( como tendes feito em tantos Livros ineptos quanto ha desde o Militar Filosofo , até ás provas do Mahometismo , ultima producção de Holbac , ) quimericas imaginações por verdades demonstradas. Se quereis permanecer neste estado como vos prescreve o Cod:go de Weisshaupt , o de loucos varridos ainda he mais vantajoso.

E , á vista disto , que estrepito se não tem feito , e se não continúa ainda a fazer pelos subterraneos , que tremem da Policia vigilante , que os faz ir republicanizar , e igualizar em

másmorras ; sobre a miseravel escravidão do humano entendimento , e sobre o tyrannico imperio , que a Fé , segundo elles clamão , tem usurpado sobre a razão natural ? Que queixas eu não tenho ouvido fazer sobre os pequenos progressos que tem feito no Mundo , depois da entrada do Christianismo a profana Litteratura ? Que compaixão não fingem ter dos engenhos catholicos , que tendo azas com que poderião sobir acima das nuvens , se curvãõ , e encolhem ao jugo da crença , abatendo os vôos , e andando quasi de rojõ pela terra ? Mas se se quizer examinar , ou vêr sómente que cousa seja este remontar-se sobre as nuvens , achar-se-ha que não he outra cousa mais que arrancar do entendimento ( á força de pensar livremente ) o innato conceito da honestidade , o innato horror do vicio , fazer das accções justas , e das accções injustas huma invenção do interesse , ou apenas huma das cemo-nias da vida civil , e da conducção po-

litica; collocar, e estabelecer na força maior hum justo direito de roubar, e de matar seus semelhantes; tirar das mãos aos Principes, e aos Dominantes a espada punidora de suas escandalosas maldades; e fundar toda a obrigação que tem os homens de honrar, e obedecer a Deos, não em seu infinito merecimento, e em seu supremo dominio, mas unicamente em seu irresistivel poder. Eis-aqui, dizem elles, hum pensar livre, nobre, generoso, honrado, sublime, e não pensar com humildade, e sujeição de escravos, como fazem os Christãos. Eis-aqui o que se chama desprezar altamente as azas do entendimento, desferir com magestade os vãos como nos ensina o nosso Mestre Veis-saugh, e todos os nossos Cavalheiros do Libano, eis-aqui o que escutam os nossos Veneraveis, quando descalçam as formidaveis, e tremendas luvas para nos fazerem ver a luz em o ultimo dos nossos grãos, que vem a ser, ensinar-nos em Methafysica o



Pantheismo, e em Moral, a igualdade acephala, e anarchica. Eis-aqui o que se chama entranhar-se no conhecimento da verdade, e não querer a vida, se não para a empregar na indagação da verdade, sem levar sempre ao lado o cego, e molestissimo pedagogo da crença sobrenatural. Eis-aqui o que nós inculcou, e o que nós estudamos nos mais que sobre-humanos escritos do nosso Cidadão Genebrino.

A' vista disto, Senhores, eu creio, que ainda quando a Fé vo-lo não vedasse, vós não quererieis huma semelhante liberdade de pensar, só para manter o decóro da vossa razão, e para não mostrar ao Mundo que constituis na extravagancia, e na loucura a gloria d'espírito forte, e pensador profundo. Resta pois que os valentes pensadores batão outro caminho que lhes possa lembrar, porque as verdades até agora tentadas os não tem conduzido, nem podem conduzir á sua tão vãmente preconizada victo-

ria. Mas elles são de fecundo engenho, e fertil de estratagemas na guerra anti-christã; acolhem-se á sua ultima trincheira, conforme a tactica do guerreiro, ou campião de Genebra, que he a dos milagres que nós acreditamos como simpleses, fundando nelles hum dos motivos da credibilidade da Fé. Milagres, que elles como sabios, e profundos pensadores desprezão, ou orgulhosamente desconhecem. Mas he preciso antes que venhamos ás mãos, que os meus inimigos mostrem boa fé em o seu ataque, e que se não tornem como costumão pessimos pensadores, escrevendo, e divulgando, não sem motejos, e improperios, que nós os fieis somos crédulos em tudo aquillo que se nos offerece prodigioso com tanto, que encerre em si alguma cousa de devoto, e de mistico. Mas eu os considero tão amestrados na Ecclesiastica Historia, que não ignorão que os tempos de huma tão abusiva, e facil credulidade, ou não existirão na Igre-

ja ; ou se existirão em algum Seculo de decadência , e dominação Gotica comprehendêrão em si hum pequeno número de pessoas idiotas , e vulgares , fracções infinitesimas em o todo dos illustrados Christãos : elles não ignorão que a derramada luz da severa critica , da sagrada Hermeneutica , e das profundas indagações litterarias tem até destruido , e acabado a sua memoria. Além de que , esta crença dos milagres , exceptuando aquelles que estão registrados nas Santas Escrituras , não he entre nós crença divina , nem absoluta ; nem sempre igual ; he sim huma crença medida sempre pelo maior , ou menor valor da authoridade em que se firma. E á vista disto , quem pôde taixar de aviltamento da razão o uso que nós fazemos do bom siso , a respeito dos acontecimentos milagrosos ? Tem por ventura a Natureza ensinado aos homens outra regra de dar credito , ou de o negar ás mais estranhas , e inexperadas aventuras , mais que a

qualidade, e o número daquelles, que nos referem, e testemunhão extracordinarios acontecimentos? Dirão acaso que usa rectamente de sua razão aquelle, que porque hum facto milagroso, conta em nada a authenticidade, a multidão, o character, as vezes das suas testemunhas oculares? Usa bem da razão, quem reputa por ignorantes os homens mais doutos, mais agudos, e penetrantes por sensatos, os mais prudentes por perficiaes, e os mais santos, e virtuosos por impostores?... Mas os milagres são impossiveis, como possível que se acreditem? Tambem a vossa razão vos diz que os milagres são impossiveis? Oh entendimentos felizes! E podesteis desde vossas tenebrosas, e nocturnas cavernas do mysterio, e das vizagens, subir aos ceos, e tomar huma exacta medida das forças da Divindade, considerando, ou a subita vista hum cego, ou a resurreição de hum morto decidir magistralmente, que

chega a tanto o infinito poder do absoluto Arbitro da Natureza ? Eu na verdade, não tenho medido palmo a palmo como vós fizesteis esta Divina Omnipotencia : todavia, parece cousa fóra de razão, que quem impôz as leis á Natureza, se haja elle mesmo feito escravo destas leis ; com manifesta injúria de sua essencial, absoluta, e dispotica dominação. Mas se he preciso, oh grandes, oh profundos pensadores, tirar a Deos o poder absoluto de operar milagres, e considerar, e ter quantos se contão, ou de Moysés, ou dos Profetas, ou os de J. C. por outras tantas fabulassas invenções, então he preciso tambem negar todas as historias profanas, nenhuma das quizes tem por si a centesima parte daquellas próvas, que tornão autentica, e indubitavel a Historia Divina.

Eu já começo, de sentir algum tédio, em rebater huma calúnnia que talvez fosse ferir em reverberação com mais ignominia, que fructo, os

escarnecedores, e motejadores da crença Christã. E agora que penso soccagadamente me doe de não ter nesta contestação usado antes da doçura; que do rigor, para attrahir os incredulos: mas eu lhes supplico que se persuadão que este calor, e esta aspereza, que tem respirado o meu Discurso, não he culpa minha, mas se he licito dizello assim, he culpa da verdade. Esta verdade he branda de sua natureza, suave, e tranquilla, mas quando se vê impugnada, e atacada com audacia, e com injustiça, accende-se, inflamma-se em nobre ira, muda o sereno aspecto em carregado, e severo, veste-se de todas as armas, e toma huma lingoagem, ou tom, que faz sentir, a quem a ultraja, todo o seu incontrastavel valor. Com toda esta indignação pois, que he mais indignação da verdade, que indignação minha, creião que o meu coração os não póde escusar, ainda que desje encontrar motivos de se *Compad.ctr.* Infelizes! Vivem em hum

Mundo , e frequentão sociedades onde os serios , e verdadeiros pensadores , não são mui applaudidos : de outro lado elles querem sobresaahir ao vulgo , e parecer homens , ainda entre os doutos , d' hum pensar profundo. As materias de Religião lisongeão , ainda mais que as outras , seus me- nos regulados costumes , o pouco trabalho de huma superficial , e desatenta leitura os surte de breves sentenças , ou triviaes apothegmas , capazes de nutrirem a sua intereçada incredulidade , e de excitar a admiração dos idiotas. Entre estes apothegmas , eis-aqui o principal. Que a faculdade racional , he superflua nos Christãos , os quaes devem crer , e não discorrer , porque se discorressem , talvez não acreditassem. Mas o parallelo , que fiz do nosso discorrer , com o discorrer dos incredulos , não terá dissipado todo o seu engano? Pézem os principios de que fazemos partir , nós a nossa crença , elles a sua incredulidade , e tentão

Não digo vergonha de si, e de sua  
 científica soberba, mas tenham dó da  
 sua alma, que Deos pelos caminhos  
 da razão tinha conduzido ao regaço  
 da Fé. Confessem que se obstinão a  
 pensar brutalmente, por huma sober-  
 bissima nauzea de pensar Christámen-  
 te. Que lhes fez J. C. para o não  
 quererem acreditar como Mestre de  
 huma doutrina celestial? Para que  
 martyrisão perpetuamente seu espiri-  
 to, e sua consciencia, contrastando a  
 evidente santidade de seus Dogmas,  
 a evidencia das Profecias que o annun-  
 cião; a evidencia dos factos que o  
 comprovão, a evidencia dos milagres  
 que o demonstrão? Basta.

Juliano Apostata tinha sempre na  
 boca a irraciocinabilidade que os in-  
 credulos nos oppõem, e dizia que em  
 nós Christãos, tudo era crer. Porém  
 o immortal Orador Nazianzeno lhe  
 disse, e o confundio desta maneira  
 (Orat. 1.<sup>a</sup> Cont. Julianum.) Podes tu,  
 que tanto admiras, e amas tanto as  
*Seitas Gentilicas*, reprehender-nos a



nós que fazemos esta honra, ou mais depressa esta justiça ao nosso Divino Mestre, e á sublimidade excellentissima, e inimitavel de seus dictames? Os teus amados Pytagoricos não tem por huma lei fundamental da sua escola, dever-se eximir das mais difficultosas questões que se lhes propõem com aquelle seu decantado — Ipse dixit! — E nós porque não damos outra razão de nossos mysterios, mais que os ditos de hum Legislador conhecido com mil prôvas por Divino, e infalivel, somos chamados por ti automatos insensatós, ou animaes sem entendimento?

Esta he huma parte do tão gabado discurso dos incredulos desta idade, declarar-nos réos de aviltada, e desprezada razão, porque nos apoiamos em huma manifesta authoridade suprema: porém elles não tem na boca a toda a ora, mais que certos nomes, que, ou a audacia tem feito famosos, ou tornou célebres: a habilitade de vestir á moderna, e com

estilo moderno as blasfemias antigas : como por exemplo -- não he de crer que hum Deos, que he todo bondade, e misericordia haja de condemnar hum tão grande número de creaturas, que vivem fóra da sua Igreja -- (E porque as não ha de poder condemnar, achando que a sua infidelidade he culpavel!) Mas não se busquem tantos *parques*. Disse-o hum Sofista de París, ou de Genebra. *Ipsé dixit*. Este Sofista he hum homem que tem em linha igual a momentanea lascivia, e a continencia Evangelica. He hum homem cujos incendiarios escritos forão lançados nas chamas pelos Decretos dos Tribunaes seculares, e vive em toda a terra infamado, e infame pela sua manifesta impiedade. *Ipsé dixit*. He hum Tolland que diz que não ha lei que obrigue os homens a seguir a Religião revelada; e que seria Deos injusto se houvesse promulgado tal lei. E este Tolland arastra-se em Londres de huma prisão para outra prisão, e morré foragido

em offio; e nebuloso inferno de Hollandas: *Ipsse dixit*. Este he o mestre alegado, acreditado, e seguido. Seja embora condemnado, e proscripto pelos Magistrados civis, he mestre *Ipsse dixit*.

Póde haver maior incoherencia; maior injustiça, que lançar-nos em rosto a nós o *ipse dixit* de huma Authoridade Soberana, sustentada com tanta evidencia, e conservar para si, e querer que valha o *ipse dixit* vacilante, e humano, e pronunciado por homens sem costumes, sem leis, sem patria, sem outra authoridade mais que a dos atavios ridiculos da Confraria das trévas, e dos subterraneos?

Destruamos finalmente o ultimo sofisma destas almas malevolas, ou dissolvamos o ultimo laço de huma fraudolenta equivocação com que pretendem tapar os olhos aos simplices. Nós acreditamos os *Mysterios*, he verdade: a respeito dos *Mysterios* acreditados, tudo nos *Christãos* ha

crer, mas á respeito dos motivos de acreditar, tudo em os Christãos he vér. Tudo he crer, a respeito dos Mysterios, porque estes sendo remotos dos sentidos, e superiores á razão humana, só podem ser objectos da crença: mas tudo he vér a respeito dos motivos da crença, porque as próvas da revelação destes Mysterios são tantas, e tão irresistiveis, que o espirito mais pertinaz não pôde exigir outras maiores, e renovando outra vez a confrontação entre nós, e os incredulos, digo, que em nós, tudo he crer com summa razão aquillo que devemos crer, e nelles tudo he negar, sem razão alguma de negar, e com todas as razões de crer.

Se destes principios innegaveis, sobre materias de Religião, eu deço a: analysar o uso da razão que os mysteriosos, e tenebrosos fazem sobre materias de moral, e de politica, eu os descubro igualmente monstruosos, e inconsequentes. Assim como a incredulidade os conduz voluntaria-

mente á sua eterna perdição; a mesma incredulidade os conduz á sua desgraça temporal. Todos os homens desejão efficacissimamente a sua ventura moral, e a sua ventura politica; como individuos unidos em sociedade, e diz-se que hum homem faz bom uso de sua natural razão, quando escolhe, e emprega os meios mais aptos, e porporcionados para aquelle fim. E será fazer bom uso da razão para ser feliz na ordem moral, não conhecer differença alguma entre o justo, e o injusto! Não se embarçar com a qualidade dos meios, com tanto que se consiga o fim? Julgar licito, matar, roubar, calumniar, ou denegrir o seu semelhante, para se avançar pelos caminhos da ambição? Julgar licito o furto com tanto que se empregue a maior força, e affirmar, como eu ouvi a hum, que a passagem violenta do dominio de qualquer cousa de humas mãos para outras mãos não he delicto, porque o objecto arrancado não muda de essen-

ciã na sua passagem, e não ha mais que a differença de seu possuidor, e que nunca pôde neste caso haver perturbação na sociedade, porque o direito da propriedade, he quimerico, e se existe, he só fundado na maior força, e que por isto (continuava elle) erã licitas, e justas as conquistas; e usurpações de hum monstro? Será fazer hum bom uso da razão natural, não julgar o adulterio hum crime, mas hum simples galanteio, e só estranhado pelo Gotico, brusco, anti-social, e preocupado? E com que descaramento, e impudencia nos diz hum monstro tão desmoralizado como este, que emprega a sua vida na indagação da verdade, e que não tem outro intento mais que reformar, e regenerar o Mundo! E não vemos nós espalhados estes atrocissimos principios pelos escritos da escola encyclopedista, e no malvado Livro que se chama — Os Costumes? — E a marcha da Revolução, não foi coherente a estes principios? As acções



de que somos testemunhas não são Corolarios destes infernaes theoremas de Helvecio ! Ora ainda antes que falle no uso da razão que fazem os crentes , pelo que pertence á moral , não se envergonharão , e não se confundirão estes malevolos espiritos , em quem não cabe a sabedoria , se eu lhes disser que os mesmos Filozofos Pagãos , que inquirirão , e anciosamente buscarão o caminho da felicidade moral , fizerão melhor uso da tua razão constituindo a suprema ventura na prática da virtude , e chamando virtude só áquillo que era conforme ao puro dictame da Natureza ? Leião , e envergonhem-se , os principios de Socrates , quando se introduz em algum dos Dialogos de Platão ; e os axiomas , e sentenças d'outros Filozofos que religiosamente nos guardarão Plutarcho , e Diogenes Laercio. Leião , se a tanto se arrevem , os escritos immortaes , e admiraveis de hum Marco Tulio , e fixem-se ao menos no sonho de Scipião , no Tra-

tado das Obrigações Civis , e nã  
eloquentissimas dissertações sobre os  
verdadeiros bens , e os verdadeiros  
males. Leião as engenhosas , e elo-  
quentes paginas de Seneca : os pro-  
fundos pensamentos de Epiteto , e os  
Tratados sublimes do Filosofo Impe-  
rante Marco Aurelio. Oh desgraça  
digna de lagrimas de sangue ! Que  
hão de lêr estes detestaveis monstros ,  
cuja liberdade de pensar , de que tão  
célgamente se ufanão , voluntariamen-  
te se encadeia , e não tem outro uso  
livre , mais que a diversa modificação  
que lhe dá o discurso do Veneravel ,  
que elles escutão com a face cosida  
com a terra , e com as encruzadas  
mãos acobertadas de sanguinarias lu-  
vas.

Lancem-se os olhos para os ac-  
tuaes resultados da Revolução , vere-  
mos quem faz melhor uso da razão  
na ordem moral ; para a felicidade.  
E se eu contemplar os verdadeiros  
Christãos nesta mesma ordem mor-  
l ?  
Bastará abrir o Evangelho , bastará



demorar hum pouco a vista sobre a conducta dos primeiros fieis, sobre os escritos adoraveis dos primeiros Mestres do Christianismo. Dizei-me, he fazer máo uso da razão natural, assustar-se, não só com o crime, mas até com a idéa, e pensamento do mesmo crime? Será fazer máo uso da razão natural buscar a ventura, e tranquillidade da vida moral só pelo emprego, e pelo exercicio da virtude? Ser superior á inquieta, e turbulenta ambição, á desasocegada, e desconfiada avariza, ao sórdido, e vil interesse, á deslumbrada soberba, ao sórdido, e vil interesse da gloria popular, e finalmente, á vergonhosa incontinencia? Será fazer máo uso da razão natural, abraçar os dictames da temperança, fugir da glotonaria, ser moderado, paciente, humano, compasivo, sensível, generoso? Será fazer máo uso da razão natural, chegar com isso, que tanto assoalhais, e não tendes, e a que chamais filantropia, a hum tão subido gráo de be-



oismo, que se amem, não são os  
homens em geral, como semelhantes,  
mas até os mesmos inimigos, porque  
são homens? Será fazer máo uso da  
razão natural: vencer os movimentos  
tumultuosos da ira, e soffocar os in-  
ternos brados de todas as paixões,  
apenas se fazem escutar no coração  
do homem? Confrontesse a conducta  
dos verdadeiros Christãos, que no  
berço da Religião revelada apparecé-  
rão no meio do Imperio da corrup-  
ção, e dos vicios com a conducta  
destes illuminados, que rejeitão, e  
desconhecem o foro interno da cons-  
ciencia, e que não admittem para re-  
gra das acções humanas, mais do que  
o temor dos castigos temporaes, ou  
a esperanza das recompensas terrenas,  
e então se conhecerá quem haja feito  
melhor uso da razão natural. Elles  
não querem conhecer senão delictos  
externos, e publicos, nós conhecemos  
além d' estes mesmos delictos, pecca-  
dos, e reconhecemos até crime aquil-  
lo mesmo que não foi mais que lem-

brado, ou imaginado. Moral verdadeiramente pura, cuja sublime evidencia arrancou da boca do Sofista de Genebra aquelle admiravel elogio que elle faz ao Evangelho. Tanto pôde a Verdade! A malicia, e a impiedade, nunca poderão contrastar sua victoriosa força! E poderá ainda dizer a impudencia, que nós os fieis não fazemos bom uso da nossa razão, quando buscamos a felicidade em a ordem moral?

Se eu quero dilatar, e espriar o pensamento pela ordem politica, e social em que os homens existem, ainda se torna mais patente a desgraçada condição da incredulidade, que ousta taxar-nos de irracionaes, e até mentecaptos. Veja o Mundo espantado, vejam os homines todos assombrados com o medonho quadro que lhe offerece a consternada Europa depois que rebentou o Volcão revolucionario, se he fazer bom uso da razão natural, ter preparado com sofisticas idéas de igualdade, e de liberdade.

eões em que se afundarão todas as  
 Jerarquias, todas as Classes, todas as  
 Instituições, todas as Leis, que o  
 peso dos Seculos, e a vontade una-  
 nime, e universal dos homens havião  
 sancionado? He fazer bom uso da  
 razão perturbar de tal maneira a so-  
 ciedade, a titulo de lhe buscar em  
 hum novo estado, e em huma nova  
 ordem de cousas huma promettida,  
 mas fantastica felicidade? Que proce-  
 dimento tão chegado á razão, solta-  
 rem-se sanguinarios Tigres, e leva-  
 dos do instinto, ou da força de nun-  
 ca vista ferocidade, derramarem rios  
 de sangue, não só pela terra que os  
 vio nascer, mas quasi por todo o  
 globo atonito á novidade de scenas-  
 tão barbaras, e tão atrozes, vendo  
 que ellas serão preparadas, conduzi-  
 das, e executadas por aquelle mesmo  
 Filozofismo orgulhoso, que se dizia  
 regenerador do Mundo, e salvador  
 da razão aviltada, e abatida aos pés  
 do Fanatismo, e da Suprestição! He  
 fazer bom uso da razão natural, pro-

parar a assente sobre as ruínas de Thronos, e sobre reliquias de Nações esmagadas, o Throno, ou as bases para se levantar o Colosso do mais atroz, e escandaloso Despotismo que vio o Mundo em os annaes da Tyrannia! O que os nossos mesmos olhos estão vendo, e o que nós tão desgraçadamente temos sentido não exige mais próvas, e demonstrações; as lagrimas que temos derramado, o sangue que temos vertido, os males pe-zadissimos que temos suportado, mostram bem a que ponto de melhoramento chegára o Mundo politico pelos esforços dos livres pensadores que tanto exaltão, e apregoão o bom uso da sua razão, e tanto taxão o nosso procedimento de hum rematado desvario.

E podereis dizer, malevolos, e publicos perturbadores da paz, e do socego das Nações, que o verdadeiro fiel faz máo uso da sua razão, em quanto permanece tranquillo naquella situação em que o continha

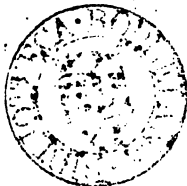
Providencia, sujeito como he matta da a Religião ás Potestades dominantes, sem murmurar, sem innovar, sem rebelar, reconhecendo na suprema Jersarquia a authoridade emanada de Deos. Quando se virão, oh Ceos! Com que pejo o digo! Quando se virão em Portugal tantos pérfidos, tantos traidores votados já á execração, e indignação pública, pelas decisões de rectissimas Sentenças? No Seculo do illuminismo, em que se diz se levantára o bom uso da razão sobre o abatido fantasma de velhas preoccupações. E he fazer bom uso da razão natural, conjurar contra a propria Patria, contra a propria Nação, querer lançar-lhe ao colo os ferros de hum Tyranno, despoja-la de sua gloria, soberania, independencia, representação, e grandeza? Será fazer bom uso da razão natural attrahir sobre a propria cabeça os males que preparavão aos outros? Será fazer bom uso da razão natural sacrificar a hum monstro que permanece em hu

ma absoluta ignorancia da sua existência, a reputação, a liberdade, o estabelecimento, e a remissima posse daquella Patria, e daquelle Reino: qualhes deu o berço? Confronte-se o uso da razão que fazem estes profundos pensadores, com o uso da razão que faz o honesto Cidadão, ainda que seja o mais ignorante, e idiota, e conhecer-se-ha com evidencia de que parte esteja a vantagem.

Mas he tão grande, e tão profunda a cegueira, ou a pertinacia destes monstros, que nenhuma razão os convence, porque huma alma malevola não dá entrada á verdadeira sabedoria. Fieis, fechai os ouvidos aos enganadores discursos dos impios, debaixo de sua lingua existe o veneno dos áspides, elles errão, e errarão sempre, *erraverunt ab utero, locuti sunt falsa*. Fugi do precipício a que vos conduz sua revoltosa doutrina. Sabei que não querem Throno, não querem Altar, não querem Leis. Segui as maximas celestiaes da Religião.

glo , cujas luminosas provas longe  
 de aviltarem a razão , a enobrecem ,  
 a purificação , a exaltação , e fazendo o  
 verdadeiro homem de bem na terra ,  
 em quanto o tornão virtuoso , nos  
 asseguração , e affianção huma eterna  
 Bemaventurança.

Disse.





1950

1951

1952

1953

1954

1955

1956

1957

1958

1959

1960

1961

1962

1963

1964

1965

1966

1967

1968

1969

1970

1971

1972

1973

1974

1975

1976

1977

1978

1979

1980

1981

1982

1983

1984

1985

1986

1987

1988

1989

1990

1991

1992

1993

1994

1995

1996

1997

1998

1999

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

2009

2010

2011

2012

2013

2014

2015

2016

2017

2018

2019

2020

2021

2022

2023

2024

2025

2026

2027

2028

2029

2030

2031

2032

2033

2034

2035

2036

2037

2038

2039

2040

2041

2042

2043

2044

2045

2046

2047

2048

2049

2050

2051

2052

2053

2054

2055

2056

2057

2058

2059

2060

2061

2062

2063

2064

2065

2066

2067

2068

2069

2070

2071

2072

2073

2074

2075

2076

2077

2078

2079

2080

2081

2082

2083

2084

2085

2086

2087

2088

2089

2090

2091

2092

2093

2094

2095

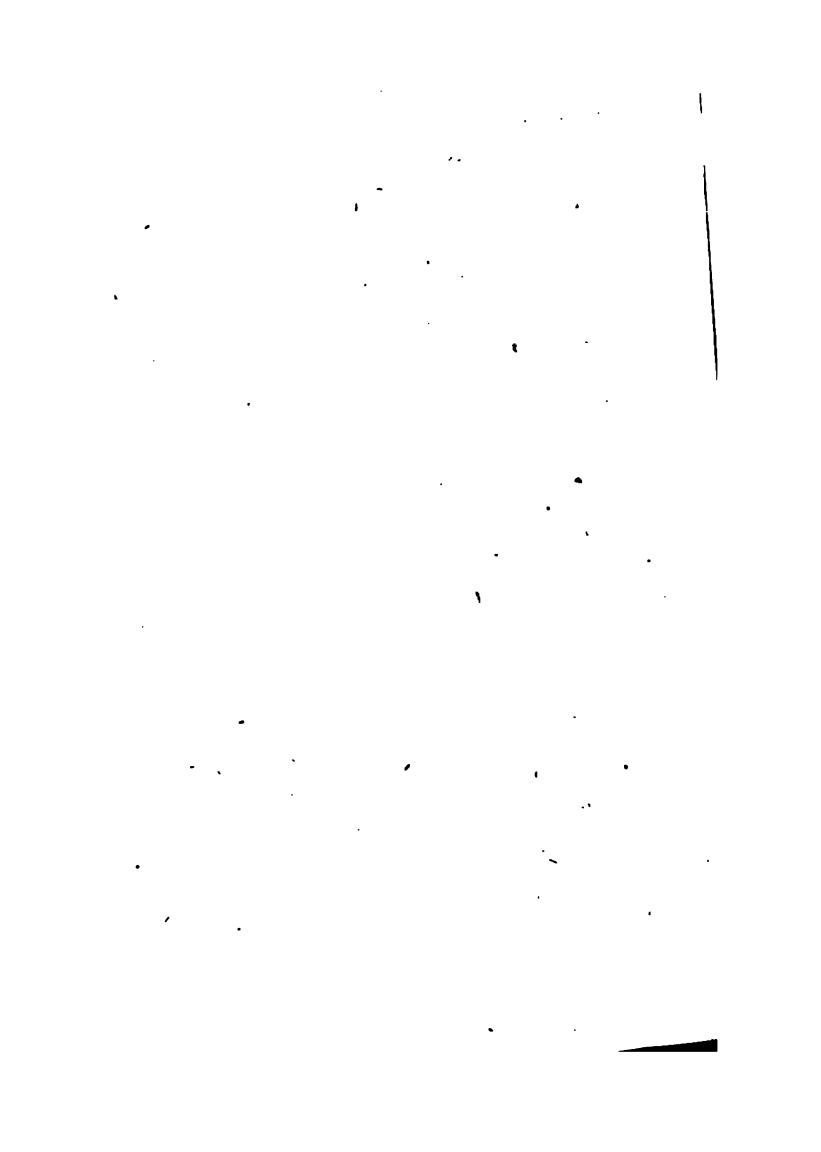
2096

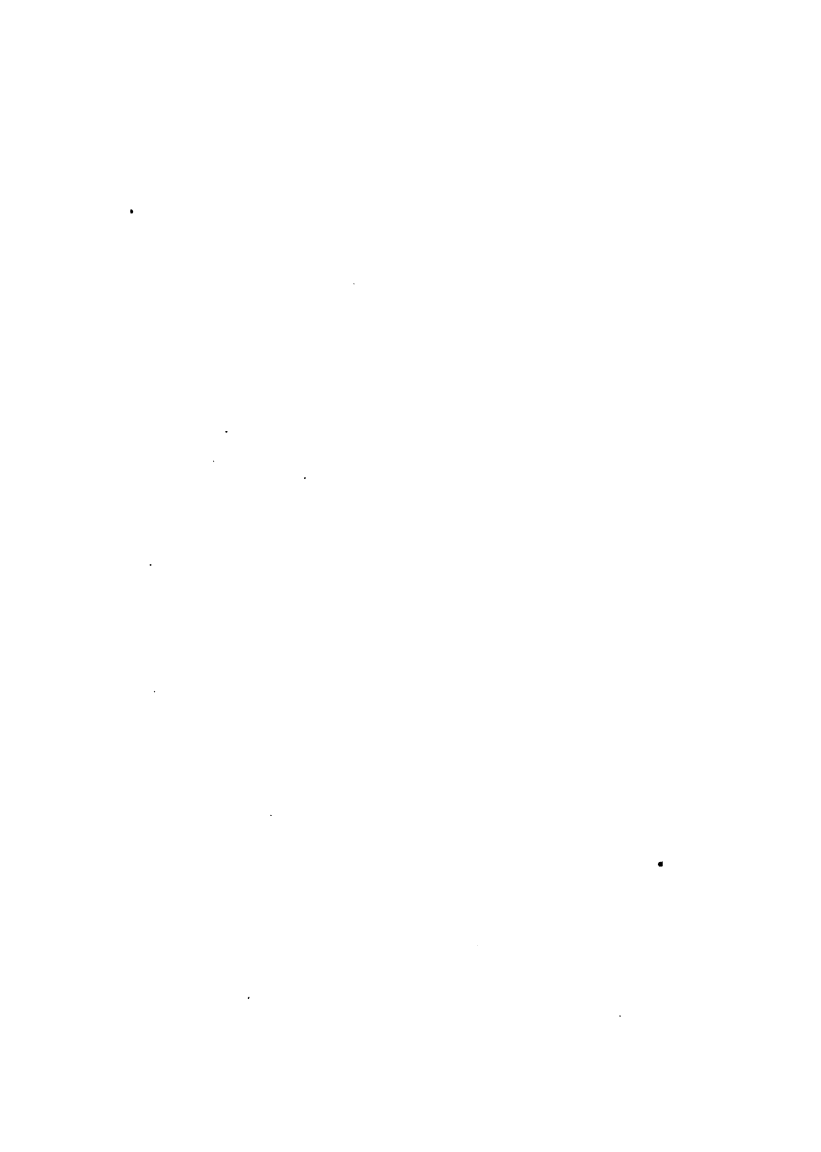
2097

2098

2099

2100











11-11-11

3



